

Mulheres presentes

ELAS
SÃO

O que
querem
ser





**Mulheres presentes: A trajetória da mulher na
docência nas áreas de exatas, da terra e
engenharia no IFPR Campus Curitiba**

Elisete Lopes Cassiano
2021

Produção: Elisete Lopes Cassiano

Supervisão: Dra. Sandra Terezinha Urbanetz

Diagramação: Carla Hamel Wojcik Garcia

Nota: recomendamos que esta obra não seja impressa sob pena de comprometer os recursos interativos nela disponíveis. Seu uso e reprodução em forma digital é livre, desde que citada a autoria.

Dados da Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Paraná
Biblioteca do Campus Curitiba

C345 Cassiano, Elisete Lopes
Mulheres presentes: elas são o que querem ser. A trajetória da mulher na docência nas áreas de exatas, da terra e engenharias no IFPR Campus Curitiba. Elisete Lopes Cassiano, Sandra Terezinha Urbanetz – Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2021. - 41 p.: il. color.

Formato: e-book
ISBN: 978-65-00-29853-6

1. Trabalho docente feminino. 2. Educação profissional. 3. Identidade de gênero na educação. I. Urbanetz, Sandra Terezinha. II. Institutos Federais. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. III. Título.

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) leitor(a)

As discussões sobre a divisão de gênero na educação e consequente reflexo na carreira profissional das mulheres vem sendo objeto de várias reflexões uma vez que as mulheres estão cada vez mais buscando seu reconhecimento como profissional no mundo do trabalho.

Este e-book busca dar visibilidade à realidade observada no dia-a-dia de um grupo de docentes formadas nas áreas de ciências exatas, da terra ou engenharia do IFPR – Campus Curitiba, uma instituição de ensino de Educação Profissional e Tecnológica, que tem buscado dialogar sobre as desigualdades de gênero vivenciadas no cotidiano das alunas e também das professoras.

Agradecemos às professoras que gentilmente aceitaram o convite de compartilhar suas histórias e contribuíram para enriquecer esta discussão que se faz tão urgente e necessária e esperamos que este e-book possa contribuir e ampliar o debate sobre Educação e Divisão Sexual do Trabalho em busca de um mundo mais justo para homens e mulheres.

Boa leitura!

Elisete Lopes Cassiano

Sumário

INTRODUÇÃO	5
2 AS MULHERES NA DOCÊNCIA NAS ÁREAS DE EXATAS, DA TERRA E ENGENHARIAS	6
3 O IFPR - CAMPUS CURITIBA.....	11
4 DEPOIMENTOS	12
Professora Carla Hamel Wojcik Garcia.....	15
Professora Danniella Rosa	20
Professora Denise Maria Vecino Sato	25
Professora Monica Beltrami.....	29
Professora Sheila Cristiana de Freitas.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6 REFERÊNCIAS	40

Historicamente a mulher enfrenta adversidades que dificultam sua ascensão profissional. Questões culturais tão presentes em séculos passados, fizeram da mulher um objeto delicado e sensível que deveria ser poupado de situações que exigissem esforço físico e intelectual.

A recente luta da mulher para se impor de forma respeitável no mundo do trabalho e ser reconhecida também por suas habilidades intelectuais não significa que a tempos ela não vem atuando e se destacando de maneira respeitável nos diversos espaços acadêmicos e científicos.

Por isso é pertinente destacar que mesmo as mulheres sendo a maioria na docência em disciplinas historicamente femininas (letras, pedagogia, literatura) na Academia Brasileira de Letras o número de mulheres é muito pequeno e só recentemente foram incluídas entre os chamados quarenta imortais. Sendo que destes quarenta imortais, apenas cinco são mulheres.

Interessante também apontar que na Academia Brasileira de Ciências os membros titulares são indicados de acordo com o destaque na atuação científica e as mulheres representam hoje menos de 100 participantes, em contrapartida os homens representam mais de 450 membros.

A partir desta tímida porém, constante inserção das mulheres na comunidade científica, este e-book tem como propósito apresentar exemplos da atuação profissional feminina na docência no IFPR - Campus Curitiba, considerando as questões históricas e culturais que fazem deste tema algo tão necessário e atual, além de entender que essa atuação acontece também em outras áreas no mundo do trabalho e que deve ser discutido nas fases iniciais do ensino médio a fim de instigar o pensamento crítico das adolescentes sobre a realidade e possibilidade de mudanças culturais sobre a participação da mulher em áreas até então masculinizadas.

Um estudo realizado por Urbanetz e Lopes (2017, p. 19) contextualizou a produção acadêmica sobre formação dos professores com o objetivo de apontar as atuais tendências e especialmente situar no quadro destes estudos a formação do professor para a área de engenharia. Na ocasião, as autoras verificaram poucos estudos sobre a temática, sobretudo na formação de professores das chamadas áreas técnicas.

Por meio do levantamento de Urbanetz e Lopes (2017) é possível inferir que pouco se tem discutido sobre a formação de professores que atuam especificamente em áreas técnicas de docentes com formação e carreira semelhantes aos docentes das universidades, porém que atuam na Rede Federal de Educação.

Este cenário reflete diretamente no estado da arte sobre a docência feminina no ensino médio e técnico ao observar que não houve grande avanço no interesse por desenvolver pesquisas nesta área, ainda mais especificando as pesquisas na Rede Federal de Educação.

Incerti (2017, p.162) ao investigar a percepção das estudantes do IFPR - Campus Curitiba relacionada à questão de gênero, identificou “[...] a necessidade de também ouvir outras vozes presentes nesse espaço educacional, entre elas, professores, coordenadores de cursos e/ou outros profissionais que fazem parte da comunidade escolar, para um maior aprofundamento do tema.”

A autora percebeu no decorrer dos cursos estudados em sua dissertação (Técnico em Mecânica e Técnico em Processos Fotográficos):

Muito se vivencia, visualiza e se tem ciência de situações de desigualdade de gênero, as quais se expandem e permeiam a sociedade, fazendo parte da realidade especialmente do mercado de trabalho nessa área. As meninas, presentes em considerável minoria no curso de mecânica de certa maneira, expressam sua vontade de escolher. Por essa escolha, vivem situações que, em vários momentos, pretendem mostrar que aquele ainda não é o lugar delas. (INCERTI, 2017, p.165)

Incerti (2017) acredita que as “[...]relações de gênero precisam ser discutidas com mais frequência na escola, pois esta abordagem ainda é insuficiente diante da necessidade que se impõe.” Segundo a autora:

Ao propiciar o entendimento de como os estudantes do IFPR, inseridos na Educação Profissional e Tecnológica, espaço de produção de conhecimento e experimento de tecnologias, veem-se enquanto sujeitos de um processo de transformação ou continuidade das desigualdades de gênero. (INCERTI, 2017, p.165)

Em tempo Incerti e Casagrande argumentam que:

Promover o debate enriquece as discussões e possibilita reflexões sobre situações naturalizadas socialmente, mas que são permeadas de preconceitos e desigualdades. Desta forma, no ambiente escolar, a/o professora/r tem um papel muito importante, as relações com as/os colegas, dependendo da maneira como se dá, encarregam-se, muitas vezes, de promover uma discussão que é pouco realizada ou contribui para o abismo da desigualdade e preconceito no que se refere às relações de gênero. (INCERTI; CASAGRANDE, 2021 p.16)

Neste sentido, o Campus Curitiba torna-se um cenário promissor para estudo de gênero ao observar a distribuição de professores e professoras em algumas áreas do conhecimento que tem em seu quadro de servidores efetivos 208 professores, sendo 112 homens e 96 mulheres que estão distribuídos da seguinte maneira¹:

Não há professoras formadas em ciências agrárias no Campus, há apenas dois homens.

Quatro professoras têm formação em alguma engenharia, ou seja 13% ao passo que os homens são 87% deste montante.

Nas ciências biológicas são cinco professoras e quatro professores que atuam no Campus Curitiba, o equivalente a 56% e 44%.

Professoras das ciências humanas são oito e representam 40% e doze são homens que representam 60% deste total.

Na área das ciências exatas e da terra, as mulheres representam 28% e os homens 72% com onze e vinte e oito professores nestas áreas.

Dezenove professoras atuam nas disciplinas relacionadas à linguística, letras e artes, representando 76% das docentes e apenas seis homens, num total de 24%.

Professoras que atuam nas áreas das ciências da saúde somam vinte e seis e correspondem a 65%, quatorze professores são homens e equivale a 35%.

¹ Dados retirados em 2020 do site do IFPR - Campus Curitiba e passível de alteração no quadro de servidores. Disponível no item Servidores do Campus: <https://curitiba.ifpr.edu.br/menu-do-servidor/servidores-do-campus/>

Nas ciências sociais aplicadas o corpo docente é composto por vinte e três mulheres e vinte homens que corresponde a 53% e 47% de mulheres e homens.

QUADRO 1 - Relação de docentes por área do conhecimento no IFPR - Campus Curitiba

Áreas do conhecimento	Total de Professores	Nª Mulheres	Nº Homens	% Mulheres	% Homens
Agrárias	02	0	2	0	100
Engenharias	30	4	26	13	87
Biológicas	09	5	4	56	44
Humanas	20	8	12	40	60
Exatas e da terra	39	11	28	28	72
Linguística, letras e artes	25	19	6	76	24
Ciências da saúde	40	26	14	65	35
Sociais aplicadas	43	23	20	53	47
Total	208	96	112	46%	54%

Fonte: Elaboração própria (2020)

Os resultados expostos no quadro acima demonstram que as mulheres são maioria em cinco áreas: Biológicas; Linguística; Letras e Artes; Ciências da Saúde e Sociais Aplicadas. A diferença mais expressiva está na área de linguística, letras e artes e ciências da saúde nas quais as mulheres representam mais de 50% do corpo docente.

Além das áreas já tradicionalmente dominadas pelos homens como agrárias, engenharias, exatas e da terra, as ciências humanas apresentam 60% de docentes masculinos que são maioria nas áreas de história, filosofia e geografia. Estes dados convergem com o relatório divulgado em 2018 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que divulgou os resumos técnicos do Censo da Educação Superior e são o reflexo da atuação docente por gênero. Foram apresentados os vinte maiores cursos em número de matrículas de graduação e os respectivos percentuais de participação por sexo com os seguintes resultados:

Somam quatorze (14) os cursos com predominância feminina. São eles: Pedagogia (92,5%). Serviço Social (89,9%). Nutrição (84,1%). Enfermagem (83,8%). Psicologia (79,9%). Fisioterapia (78,3%). Gestão de Pessoas (77,9%). Odontologia (71,7%). Farmácia (71,3%). Arquitetura e Urbanismo (66,5). Medicina (59,0%). Contabilidade (56,5%). Direito (55,5%) e Administração (54,4%).

Os cursos predominância masculina são: Engenharia Mecânica (89,8%). Sistemas de Informação (86,2%). Engenharia Civil (69,7%). Engenharia de Produção (65,6%). Educação Física (65,1%) e Educação Física Formação de Professor (60,3%).

O Censo de 2018 ainda mostra que tanto na modalidade presencial ou de Educação à Distância (EaD), revela-se a predominância do sexo feminino. Lombardi diz que:

Um dos reflexos do avanço da escolaridade feminina, sobretudo no nível superior de ensino, tem sido a ampliação do leque de profissões em que as mulheres se fazem presentes e, ao menos em princípio, o aumento das suas possibilidades de ascensão nas hierarquias de empresas e instituições diversas, assumindo postos de responsabilidade. (LOMBARDI, p.45, 2004)

Marques (2020), divulgou pela Revista Fapesp, parte do relatório da editora Elsevier: A jornada do pesquisador através da lente de gênero^[2], que apresenta a evolução da participação de homens e mulheres em atividades de pesquisa em quinze países no conjunto da união europeia a partir da análise da verificação dos artigos publicados entre 2014 2018. Esse relatório mostra um avanço no que diz respeito ao equilíbrio de gênero em todas as ações. A presença de mulheres entre os autores de *paper's* cresceu em comparação com o período de 1999 e 2003.

O relatório mostra que a mulher ainda é minoria na matemática, física e ciências da computação. No Brasil um detalhe em relação aos demais países, é que as mulheres dominam áreas como farmácia, neurociências e odontologia. Apesar dos avanços femininos, os homens ainda são destaques nas posições de prestígio no mercado editorial dos artigos científicos. O mesmo acontece em

relação à publicação de artigos, pois as mulheres avançaram recentemente neste setor, entre 2014-2018, ao passo que os homens publicam artigos antes de 2003.

Quanto ao impacto de publicações, no Brasil houve equilíbrio nos índices de citações entre os gêneros. A participação das mulheres em redes de colaboração internacional ainda é menor que os homens e impacta diretamente na progressão da carreira, dificultando ainda mais a progressão destas.

Diante destes dados destaca-se a importância da criação e manutenção de políticas públicas que fomentem o aumento no número de mulheres nas mais diversas áreas do conhecimento e do trabalho. Percebe-se a importância de ampliar o número de mulheres nas áreas de exatas, da terra e engenharias para que haja uma maior representatividade feminina em todos os setores da economia.

Neste sentido, Agrello e Garg (2009) explicam que estas ações, para serem promissoras precisam ser trabalhadas em três perspectivas:

Participação da sociedade ao perceber a necessidade da presença feminina no mundo do trabalho; a ciência, que absorve as habilidades e conhecimento das mulheres reconhecendo e aprovando seu trabalho; e das próprias mulheres, que precisam perceber seu lugar no mercado e lutar por isso. (AGRELLO; GARG, 2009 p. 1305-4)

Contudo as autoras acreditam que as mulheres, enquanto grupo, não necessitam de tratamento especial, senão de oportunidades iguais.

² Para ler o relatório completo acesse: <https://www.elsevier.com/connect/gender-report>

A instituição foi criada em dezembro de 2008 através da Lei 11.892, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e os 38 institutos federais hoje existentes no país. É voltada à educação superior, básica e profissional, especializada na oferta gratuita de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades e níveis de ensino.

No Paraná especificamente, Lemos (2016) em seu estudo sobre *A história da educação profissional no Brasil e as origens do IFPR*, relata que o IFPR teve suas origens históricas trilhadas por um caminho particular quando comparado ao contexto nacional da educação profissional brasileira. Desde a *Deutsche Schule* (Escola Alemã) no século XIX, passando pela Escola Técnica da UFPR até a transformação em IFPR, no ano de 2008, tem-se uma história centenária, sendo a maior parte dela dedicada à educação profissional.

No caso de Curitiba, a Escola Técnica da UFPR se desmembrou no ano de 2009 para dar prosseguimento à criação do IFPR. A Escola Técnica manteve-se ofertando cursos superiores de tecnologia e cursos técnicos integrados, com o nome de SEPT – Setor de Educação Profissional e Tecnológica.

O IFPR herdou a maior parte dos cursos técnicos da Escola Técnica da UFPR, passando a ofertá-los no Campus Curitiba. Atualmente conta com quatorze cursos subsequentes, oito cursos integrados ao ensino médio, quatro cursos na modalidade Educação à Distância (EaD), seis cursos superiores, um mestrado profissional e seis especializações. (IFPR, 2020)

Merece destaque assinalar que na transição da ET – UFPR para o IFPR não houve transferência de professoras das áreas de exatas, da terra e engenharias. As professoras lotadas no Campus destas áreas atualmente, ou vieram de outros Campi ou ingressaram por meio de concurso público.

As docentes do IFPR – Campus Curitiba, se destacam em todas as áreas de atuação nos mais diversos nichos de pesquisa e extensão que o IFPR oportuniza.

Acontece que com esta exposição, a valorização das mulheres em áreas ainda dominadas pelos homens vem crescendo e se tornando motivo de orgulho e exemplo para muitas alunas que almejam seguir carreiras que até então são predominantemente masculinas.

Diante deste cenário, professoras com formação em áreas do conhecimento de exatas, da terra e engenharias, foram convidadas a relatar sua trajetória pessoal, acadêmica e por fim, profissional, com o intuito de valorizar as docentes destas áreas, bem como servir como exemplo e motivação para as alunas que tenham interesse em trabalhar em alguma destas profissões.

Deste modo, todas as professoras deste grupo (exatas, da terra e engenharias) foram convidadas a participar do projeto e destas, cinco se dispuseram a relatar seus depoimentos. A entrevista foi semiestruturada e usada como roteiro para o relato de experiência das professoras.

Serviram como perguntas norteadoras as seguintes questões:

1. Como se deu a escolha da sua profissão?
2. Alguém a influenciou nessa escolha?
3. Como foi conciliar sua vida profissional com a pessoal?
4. Teve apoio de alguém?
5. Enquanto estudava, pensou em desistir por conta de alguma dificuldade?
6. Como foi sua primeira vivência profissional na área escolhida?
7. Para você, as questões de gênero tiveram, em algum momento, peso na sua trajetória estudantil e profissional?
8. Você já percebeu ou ouviu falar em algum tipo de discriminação no seu cotidiano em relação a atuação da mulher na docência na sua área de atuação?
9. Quais os principais desafio/s para uma professora da sua área no EPT?

10. Existe algo na sociedade atual que você considera que tenha propiciado algumas mudanças sobre o que se espera de uma docente em na sua área? O que influenciou? O que mudou?
11. O que falta para as mulheres serem vistas no mesmo nível de igualdade dos homens em relação à capacidade de liderar e de se promover profissionalmente?
12. O que você diria para uma aluna que sonha seguir profissões que trazem o preconceito contra as mulheres?

Cabe esclarecer que não houve professoras da área de conhecimento da Terra interessadas em participar da pesquisa. Das duas engenheiras entrevistadas, ambas são formadas em engenharia mecânica e na a área de exatas, as três entrevistadas são formadas em informática.

Esta situação não foi limitante para apurar a riqueza dos relatos, pois trazem à tona discussões de assuntos muitas vezes polêmicos e delicados vivenciados no decorrer de sua trajetória profissional, como poderá ser visto na sequência.



Professora

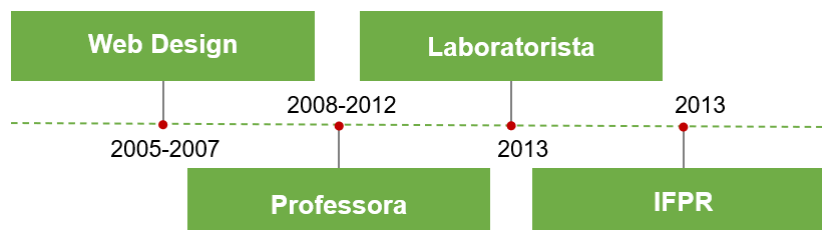
Carla Hamel Wojcik Garcia

FORMAÇÃO

Graduação em Bacharelado em Sistemas de Informação pela Sociedade Paranaense de Ensino e Informática (2003)
Especialização em Web Design (2005)

ATUAÇÃO

Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Profissional.
Desenvolve trabalhos em Web Design e Projetos Gráficos Editoriais.
Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, em regime de dedicação exclusiva, do Instituto Federal do Paraná- Campus Curitiba, nos cursos de Informática Aplicada e Jogos Digitais na Educação Básica.



COMO SE DEU A ESCOLHA DA SUA PROFISSÃO? ALGUÉM A INFLUENCIOU NESSA ESCOLHA?

Minhas irmãs cursaram magistério e eu queria ser artista. Meu desejo era fazer artes cênicas, mas como não é uma profissão reconhecida em Curitiba e não trazia retorno financeiro imediato, desta forma acabei cursando informática na faculdade por imposição da minha mãe, que só me ajudaria a pagar se fosse este curso.



Fonte: Redes Sociais (2021)

COMO FOI SUA PRIMEIRA VIVÊNCIA PROFISSIONAL NA ÁREA ESCOLHIDA?

Iniciei como estagiária na área de montagem de máquinas, uma vertente da área de informática. Este estágio era de meio período, turno da manhã. Posso dizer que nesta área tinha preconceito. No setor só havia homens.

No início só servia café e registrava os atendimentos, entrada e saída de máquinas. Mas fui insistente, e na conversa aprendi bastante sobre as ocorrências dos consertos das máquinas. Com o passar do tempo, perceberam a minha vontade de

aprender, enfim comecei a trabalhar, primeiro atendendo o usuário local e depois consertando hardware/computador. Tudo isso aconteceu porque demonstrei interesse e fui atrás do que queria.



Fonte: Carla Garcia (2021)

Hoje, com a vivência que tenho e analisado tudo o que eu passei, percebo que a minha vivência foi igual a de todos os estagiários, independentes se sejam homens ou mulheres, todos vão passar por este processo. O meu aprender dependeu, e ainda vai depender, da postura que eu adotar dentro do trabalho.

PARA VOCÊ, AS QUESTÕES DE GÊNERO TIVERAM, EM ALGUM MOMENTO, PESO NA SUA TRAJETÓRIA ESTUDANTIL E PROFISSIONAL?

Na minha área acredito que não, talvez preferências por habilidades. Não demorou muito, consegui outro estágio no período da tarde, em um banco. O banco contratava muito estagiários, alguns eram alocados nas agências e outros nos setores internos do banco. Fui alocada no setor de informática, onde prestava os serviços de suporte ao usuário local e consertos de computadores. Não ocorria distinção entre homens e mulheres. Com o passar do tempo percebi que ao contrário de outros estágios, a preferência neste setor era por estagiárias mulheres, pela facilidade em lidar com as pessoas, como também no trato de escutar o relato dos problemas que ocorriam em relação aos computadores.

Meu tempo como estagiária foi curto, logo fui contratada por outra empresa que também dava preferência por mulheres. O trabalho era de suporte ao sistema da empresa atendendo diretamente os clientes/usuários.

COMO FOI CONCILIAR SUA VIDA PROFISSIONAL COM A PESSOAL? TEVE APOIO DE ALGUÉM?

Sempre tive muito apoio da minha família e do meu marido. Quando engravidei, diferente de muitas mulheres tive a opção de ficar dois anos longe do mercado de trabalho, me dedicando à maternidade porque não conseguia ser multitarefa.

Quando decidi voltar, pensei na viabilidade de me tornar professora, pois já havia tido uma



Fonte: Carla Garcia (2021)

experiência rápida na docência, e como bacharel poderia dar aula para cursos técnicos e superior. Então me candidatei a vaga de PSS para dar aula no estado. O primeiro dia de aula foi horrível, quarenta alunos tentando me fuzilar, me confrontando, até eu ganhar a turma, tive que impor a voz. Além do conhecimento técnico, aprendi como é ser professor na prática do cotidiano.

Claro que teve um ou outro momento de comentários machistas, mas foram raras as vezes. Percebi que era a questão do machismo mesmo, então os comentários não se referiam à minha profissão, mas sim pelo fato de ser mulher.



Fonte: Redes Sociais (2021)



Fonte: Redes Sociais (2021)

VOCÊ JÁ PERCEBEU OU OUVIU FALAR EM ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO NO SEU COTIDIANO EM RELAÇÃO A ATUAÇÃO DA MULHER NA DOCÊNCIA NA SUA ÁREA DE ATUAÇÃO?

No IFPR ocorreu com um colega de profissão. Pela primeira vez me senti inferior e constrangida pelas brincadeiras, formas e conduta. Piadas machistas destinadas a atacar as mulheres. Mas ao longo da convivência entendi que era um procedimento padrão. Todos que trabalhavam a sua volta tinham a mesma compreensão. Acredito que era a necessidade de inferiorizar as pessoas.

As vezes percebo que alguns professores ficam incomodados com a presença de mulheres nestas áreas, mas são poucos. Neste momento cabe analisar a raiz da educação da pessoa, talvez na infância a estrutura machista.

ENQUANTO ESTUDAVA, PENSOU EM DESISTIR POR CONTA DE ALGUMA DIFICULDADE?

Mesmo com todas as dificuldades no decorrer da minha vida acadêmica e carreira, nunca pensei em desistir. Se em algum momento apresentou-se preconceito na

área, sempre acreditei que é pelo fato de a pessoa ser machista, não pelo fato de ter uma mulher na área. Na minha opinião se a mulher mostra que detém conhecimento do conteúdo, e tem força de vontade de aprender, naturalmente vai se destacar, ou ser colocada de lado. A informática é uma área dinâmica, precisa de resposta imediata, então o importante é mostrar interesse e continuar estudando.

No curso técnico que atuo (jogos digitais), tem um número pequeno de meninas, mas elas sabem o que estão fazendo, são determinadas, são presentes, correm atrás, são interessadas e a maioria que conclui o curso segue seus estudos na faculdade na área de exatas. São poucas que ingressam no curso, mas são muito boas.

EXISTE ALGO NA SOCIEDADE ATUAL QUE VOCÊ CONSIDERA QUE TENHA PROPICIADO ALGUMAS MUDANÇAS SOBRE O QUE SE ESPERA DE UMA DOCENTE EM NA SUA ÁREA? O QUE INFLUENCIOU? O QUE MUDOU?

Vejo a mulher inserida na área de informática de forma positiva. Ela tem tudo na mão para ter sucesso nesta profissão, conhecimento técnico e tem habilidades para lidar com as pessoas.

Apenas faço uma crítica leve ao feminismo que fala tanto da briga pelo reconhecimento da mulher. Tudo depende da forma como a mulher se impõem, no sentido de mostrar sua competência para que seja respeitada, assim como acontece com os homens.

O QUE VOCÊ DIRIA PARA UMA ALUNA QUE SONHA SEGUIR PROFISSÕES QUE TRAZEM O PRECONCEITO CONTRA AS MULHERES?

Falo para minhas alunas que elas precisam entender o que querem e a partir disto corre atrás do sonho e dedicar-se ao máximo. A partir do momento que demonstrar o conhecimento técnico e humano, não tem como não ser reconhecida.

As mulheres devem utilizar de maneira inteligente o conhecimento, como também, as pessoas que tem ao seu lado para dar solução aos problemas. Desta forma não serão vistas como mulheres, e sim como uma profissional, com direitos e deveres iguais.

Então a luta pela questão da igualdade vem pela reflexão da mulher sobre em que contexto da sociedade ela está inserida, quanto esforço está fazendo para atingir seu objetivo.

As mulheres devem utilizar de maneira inteligente o conhecimento, como também, as pessoas que tem ao seu lado para dar solução aos problemas. Desta forma não serão

vistas como mulheres, e sim como uma profissional, com direitos e deveres iguais.



Fonte: Redes Sociais (2021)



Fonte: Redes Sociais (2021)

QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS PARA UMA PROFESSORA DA SUA ÁREA NO EPT?

O mesmo acontece na sala de aula, não posso tratar diferente meninos de meninas, devo tratá-los de maneira igual. É preciso tirar as condições limitantes imputadas nas estudantes para que elas não se vitimizem diante das dificuldades que são inerentes a qualquer pessoa.

É preciso entender que estamos educando pessoas e não homens e mulheres. Estamos despertando o conhecimento, interesse e desenvolvimento dos estudantes, para a vida e para o mercado trabalho.

É preciso entender que estamos educando pessoas e não homens e mulheres. Estamos despertando o conhecimento, interesse e desenvolvimento dos estudantes, para a vida e para o mercado trabalho.

O QUE FALTA PARA AS MULHERES SEREM VISTAS NO MESMO NÍVEL DE IGUALDADE DOS HOMENS EM RELAÇÃO À CAPACIDADE DE LIDERAR E DE SE PROMOVER PROFISSIONALMENTE?

Não consigo ver desigualdade na minha área, pelo contrário, no meu primeiro estágio conheci mulheres liderando equipes enormes e sendo muito respeitadas pelo que faziam.



Professora

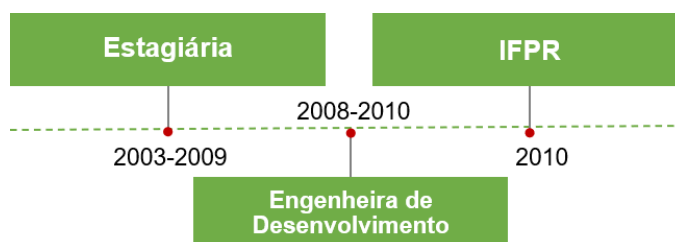
Danniella Rosa

FORMAÇÃO

Graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Paraná (2007)
Mestrado em Engenharia e Ciência dos Materiais pela Universidade Federal do Paraná (2014).

ATUAÇÃO

Tem experiência na área de Engenharia Mecânica, com ênfase em Elementos de Máquinas, atuando principalmente nos seguintes temas: termografia, impacto ambiental, manutenção industrial, emissões veiculares e combustíveis.
Coordenadora do Projeto de Pesquisa IF Maker.
Atualmente é professora e pesquisadora do Instituto Federal do Paraná.



COMO SE DEU A ESCOLHA DA SUA PROFISSÃO? ALGUÉM A INFLUENCIOU NESSA ESCOLHA?

Passei no vestibular em agosto e em outubro engravidei. Mas como tive apoio dos meus pais e do meu marido, consegui levar as aulas. Antes de começar a estudar passei a trabalhar com meu pai. Ele dava aula de física, matemática e química e às vezes eu dava aula no lugar dele.

Com 18 anos dava aulas para alunos da mesma idade que a minha. No começo achava que eles me respeitavam por medo do meu pai, mas depois percebi que eles gostavam realmente de mim. Então comecei a ajudar a corrigir provas e foi dali que comecei a pegar gosto pela docência.



Fonte: Daniella Rosa (2021)

ENQUANTO ESTUDAVA, PENSOU EM DESISTIR POR CONTA DE ALGUMA DIFICULDADE?

Tive muitas dificuldades para conseguir terminar a faculdade, como por exemplo: reprovei numa disciplina porque o faltei numa prova por conta da gravidez e o professor

não deixou fazer segunda chamada porque gravidez não era doença.

A secretaria acadêmica não sabia quais os procedimentos sobre a licença maternidade porque era o primeiro caso na engenharia mecânica. Foi a primeira vez que reprovei, então foi muito frustrante

“reprovei numa disciplina porque o faltei numa prova por conta da gravidez e o professor não deixou fazer segunda chamada porque gravidez não era doença.”

Tive prova também no dia do parto e foi quando decidi parar de estudar para ter minha filha e me dedicar a ela. Quase desisti de voltar.

Recebi ajuda de alguns professores no sentido de não me deixar desistir. Percebi



Fonte: Danniella Rosa (2021)

que eles agiam diferente com uma aluna solteira e uma que tem filhos porque entendiam minhas responsabilidades e por isso era tratada de forma diferente.

Mas a vontade de desistir vinha a todo final de semestre, chorava, desanimava, mas acabava indo em frente.

COMO FOI CONCILIAR SUA VIDA PROFISSIONAL COM A PESSOAL? TEVE APOIO DE ALGUÉM?

Meu marido foi um grande incentivador pois sabia que era meu sonho e que sabia que eu não conseguiria ter uma profissão, por isso ele, minha sogra e meus pais me ajudaram muito a cuidar da minha filha para eu estudar, sem isso seria impossível.

Tem a questão da culpa, de não ser boa mãe, de não se dedicar totalmente ao filho. Reprovei cinco vezes numa matéria, e numa destas reprovações foi porque minha filha estava com sarampo. Fui ao posto de saúde e faltei a prova. Quando solicitei segunda chamada o professor pediu atestado sendo que o posto não dá atestado.

Sofri coisas muito pesadas que quase me fizeram desistir e professores que me ajudaram muito, ainda mais as professoras que entendiam minha situação. Alguns homens também me estimularam dizendo que se fosse filha deles não deixariam desistir. Se estas pessoas positivas não existissem eu teria desistido.

Tive professor que dizia que mulher tinha que projetar alicate de unha, outro dizia que mulher tinha que projetar fogão então penso que são os homens que precisam mudar, não nós.

O apoio masculino me ajudou muito, tanto de familiares quanto de professores. No entanto, tive professor que dizia que mulher tinha que projetar alicate de unha, outro

dizia que mulher tinha que projetar fogão então penso que são os homens que precisam mudar, não nós.

COMO FOI SUA PRIMEIRA VIVÊNCIA PROFISSIONAL NA ÁREA ESCOLHIDA?

Meu primeiro estágio, de 78 pessoas eu era a única mulher. A primeira queixa no setor foi porque eles contrataram uma estagiária casada. Logo depois mais quatro estagiárias foram contratadas e a cultura começou a mudar um pouco no setor.

O curso técnico em mecânica começou com duas professoras. Dentro da instituição nunca sofremos preconceito, mesmo porque todos estão no mesmo nível.

Percebi uma resistência maior dos alunos principalmente do curso subsequente que são mais velhos, cerca de quarenta alunos homens. Quando eu iniciava numa turma, chegava me apresentando dizendo que tinha experiência em manutenção em porto que é um serviço muito pesado.

QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS PARA UMA PROFESSORA DA SUA ÁREA NO EPT?

Um terço dos alunos que entram no curso de mecânica são meninas e muitas dizem que entraram porque quando foram na feira de curso e era eu que estava apresentando o curso de mecânica.

Eu senti que isto tem um peso muito grande e é muito importante ter a presença da mulher nesta área, tanto para estimular meninas a ingressarem no curso quanto para quebrar esta diferença.

As meninas desistem pouco do curso, em dez anos do curso, apenas duas ou três desistiram por não se identificar com a área e a maioria que mesmo não gostando terminaram o curso por gostar da instituição. Acredito que muitas mulheres não desistem do curso, porque tem a gente como exemplo.



Fonte: Danniella Rosa (2021)



Fonte: Danniella Rosa (2021)

PARA VOCÊ, AS QUESTÕES DE GÊNERO TIVERAM, EM ALGUM MOMENTO, PESO NA SUA TRAJETÓRIA ESTUDANTIL E PROFISSIONAL?

O maior preconceito hoje é o preconceito normal, o machismo que existe, e não o preconceito pela profissão.

Vai acontecer machismo, vai passar por isso, mas se você fizer um trabalho bem-feito, vai ser respeitada e reconhecida o que não pode é deixar se abater por estes desafios que vão aparecer.

“se você fizer um trabalho bem-feito, vai ser respeitada e reconhecida o que não pode é deixar se abater por estes desafios que vão aparecer.”



Fonte: Rede social (2021)

EXISTE ALGO NA SOCIEDADE ATUAL QUE VOCÊ CONSIDERA QUE TENHA PROPICIADO ALGUMAS MUDANÇAS SOBRE O QUE SE ESPERA DE UMA DOCENTE EM NA SUA ÁREA? O QUE INFLUENCIOU? O QUE MUDOU?

Eu acho que quando você faz o seu melhor de forma verdadeira, se dedicando, independente do sexo vai conseguir ser respeitado na área. Não desistir de jeito nenhum porque é uma área tão legal, a ao contrário do que muita gente pensa a mecânica é uma área que tem muito a ver com a mulher. Porque quando desenvolvemos um produto ou processo são muitos elementos que tem que montar e esta visão múltipla da mulher é excelente.

“quando você faz o seu melhor de forma verdadeira, se dedicando, independente do sexo vai conseguir ser respeitado na área. Não desistir de jeito nenhum porque é uma área tão legal, a ao contrário do que muita gente pensa a mecânica é uma área que tem muito a ver com a mulher.”



Fonte: Sheila Cristiana de Freitas (2021)



Fonte: Sheila Cristiana de Freitas (2021)

VOCÊ JÁ PERCEBEU OU OUVIU FALAR EM ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO NO SEU COTIDIANO EM RELAÇÃO A ATUAÇÃO DA MULHER NA DOCÊNCIA NA SUA ÁREA DE ATUAÇÃO?

Não podemos nos abalar pelo machismo. Quando ouço alguma piada machista gosto de dizer que não entendi e peço para explicar para ver a reação do homem.

A maior defesa é tentar desarmar e não ter medo de denunciar porque tem muita mulher que tem medo de denunciar por causa do mercado de trabalho.

A gente tem que ter coragem de denunciar se caso for assédio ou preconceito porque vai ter, sempre tem...as coisas só vão mudar quando começarmos a nos impor.

A gente tem que ter coragem de denunciar se caso for assédio ou preconceito porque vai ter, sempre tem...as coisas só vão mudar quando começarmos a nos impor.



Professora

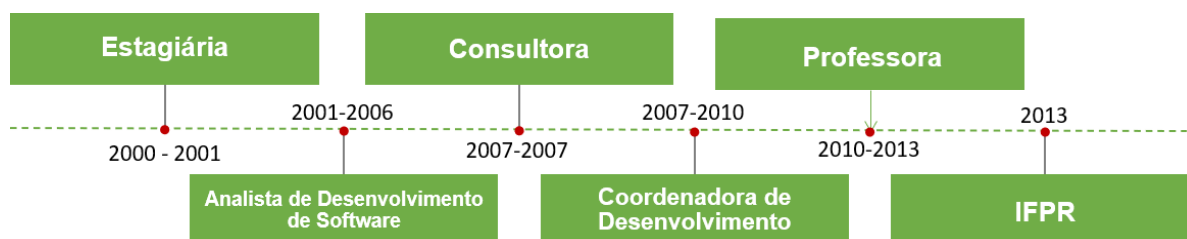
Denise Maria Vecino Sato

FORMAÇÃO

Graduação em Ciência da Computação pela Pontifícia Universidade Católica / PR (2002)
Mestrado em Informática (PPGla) pela Pontifícia Universidade Católica / PR (2014).
Doutoranda em Informática (PPGla) na área de Mineração de Processos.

ATUAÇÃO

Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Gestão de Projetos, atuando principalmente nos seguintes temas: applications, optimization, lógica de programação, jogo educacional e jogos digitais.
Atualmente é professora do Instituto Federal do Paraná ministrando disciplinas de programação nos cursos técnicos em Jogos Digitais e Informática



COMO SE DEU A ESCOLHA DA SUA PROFISSÃO? ALGUÉM A INFLUENCIOU NESTA ESCOLHA?

Quando iniciei o ensino médio queria fazer um curso técnico. Pensei então em fazer contabilidade porque sempre gostei de matemática e queria fazer eletrônica, mas minha irmã me disse para não fazer contabilidade porque já era um curso ultrapassado e que era pra eu fazer processamento de dados.

Eu amei o curso, foi durante o curso técnico que eu decidi que queria fazer ciência da computação. O curso foi determinante para a escolha da minha carreira. A única pessoa que de certa forma influenciou nesta escolha foi minha irmã. Ela que sugeriu o curso de processamento de dados por ser uma área que tinha mais futuro.

Eu tinha na cabeça que queria fazer algo que envolvesse cálculo, matemática porque sempre gostei desta área.

Desde o curso técnico percebia que era uma área bem masculina. Éramos em poucas meninas e poucas que continuaram, mas sempre foi um ambiente muito masculino.

VOCÊ JÁ PERCEBEU OU OUVIU FALAR EM ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO NO SEU COTIDIANO EM RELAÇÃO A ATUAÇÃO DA MULHER NA DOCÊNCIA NA SUA ÁREA DE ATUAÇÃO?

Sobre esta questão de gênero, se há algum tempo atrás você me perguntasse se eu passei por alguma situação eu falaria que não. Mas hoje eu vejo que algumas situações que eu passava que achava normais, hoje vejo que não são.

Nunca tive problemas sérios com isso, sempre convivi bem com todos durante os estágios e no curso técnico. Mas uma coisa que sempre

Então era comum ouvir que eu programava igual homem e pra mim isto era um elogio, de tão inserido que estamos

ouvira pelo fato de gostar de programação, área que em geral as mulheres não gostam, pois preferem trabalhar com gerência de projetos engenharia de softwares, então é uma área mais dominada pelos homens. Então era comum ouvir que eu programava igual homem e pra mim isto era um elogio, de tão inserido que estamos. Mas como sempre estive inserida neste meio de maioria homem tive muitos amigos e nunca tive problemas. Hoje consigo perceber este tipo de coisa.

Até mesmo no IFPR no nosso curso onde a maioria do colegiado era composta por homens dava para notar algumas questões relacionadas ao fato de



Fonte: Rede social (2021)

ser mulher. Mas como estamos inseridas neste meio muitas vezes não percebemos até porque, na época, estes comentários não me impediam de seguir na minha carreira, mas hoje quando olho para trás percebo que tinha sim preconceito com as professoras da área.

COMO FOI SUA PRIMEIRA VIVÊNCIA PROFISSIONAL NA ÁREA ESCOLHIDA?

Já assumi cargo de liderança e sentia que eu precisava me “provar” mais para conseguir as coisas. Se eu fosse pedir uma exceção para alguma questão e um coordenador homem fosse pedir também, parecia que eu tinha que mostrar que eu realmente dominava aquele assunto tecnicamente. Existia uma questão explícita de que

se realmente eu sabia o que estava falando, mas isto nunca me fez desistir.

COMO FOI CONCILIAR SUA VIDA PROFISSIONAL COM A PESSOAL? TEVE APOIO DE ALGUÉM?

Quando minha filha nasceu senti que não cabia mais trabalhar na iniciativa privada e vejo que quem segue neste ramo precisa do apoio da família para dar conta. Então a minha mudança de carreira foi para conseguir conciliar a carreira profissional com a pessoal e mesmo com a flexibilidade de horário das aulas, sempre tive apoio do meu marido, dos meus pais e sogros.



Fonte :Rede Social (2021)

VOCÊ JÁ PERCEBEU OU OUVIU FALAR EM ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO NO SEU COTIDIANO EM RELAÇÃO A ATUAÇÃO DA MULHER NA DOCÊNCIA NA SUA ÁREA DE ATUAÇÃO?

No IFPR, quando entrei surgiam comentários dos professores sobre nossa capacidade técnica para ministrar as aulas, mas hoje isto acabou.

Em relação às alunas ainda ouço alguns professores dizendo que elas não deveriam estar ali, mas nada tão explícito. Mas acho que como os alunos entram muito novos nos cursos, acontece de as vezes não estar alinhado ao curso e por isso desistem, tanto as meninas quanto os meninos.

Acho que temos meninas muito boas que querem seguir neste caminho e ainda sinto que tem professores que acham que este não é um espaço feminino.

Já tive aluna que pensou em desistir do curso porque ouviu de um professor que este curso não era para ela e hoje ela faz graduação em engenharia de software. Na época conversei muito com ela, argumentei que ela era capaz sim de seguir neste curso. Dentro de sala, se começam com piada, eu já corto, porque acho que o professor não é dono da verdade, mas estamos numa situação de poder. O que falamos tem mais peso e o que toleramos tem mais peso. Então certos tipos de brincadeira não cabem numa instituição de ensino.

O QUE FALTA PARA AS MULHERES SEREM VISTAS NO MESMO NÍVEL DE IGUALDADE DOS HOMENS EM RELAÇÃO À CAPACIDADE DE LIDERAR E DE SE PROMOVER PROFISSIONALMENTE?

Percebo a importância da representatividade das professoras de informática nas aulas, ainda mais quando as

Percebo a importância da representatividade das professoras de informática nas aulas, ainda mais quando as próprias alunas comentam que as disciplinas de programação são ministradas por mulheres.

próprias alunas comentam que as disciplinas de programação são ministradas por mulheres. Isso faz com que elas percebam que elas também podem. Na verdade, a questão que isso é para quem quiser e não somente para alguns.



Fonte :Rede Social (2021)

O QUE VOCÊ DIRIA PARA UMA ALUNA QUE SONHA SEGUIR PROFISSÕES QUE TRAZEM O PRECONCEITO CONTRA AS MULHERES?

O que precisa ficar claro é que as meninas podem fazer o que elas querem. Se elas querem seguir uma área específica devem seguir. Se elas querem abandonar a profissão e cuidar dos filhos que façam.

É a escolha de cada um. O que não pode é criar os espaços para os homens e para as mulheres cada um com seu papel. Isto não cabe mais na nossa sociedade.

O que não pode é criar os espaços para os homens e para as mulheres cada um com seu papel. Isto não cabe mais na nossa sociedade.



Professora

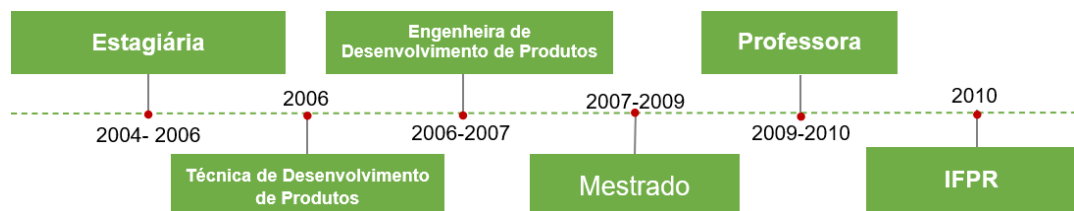
Monica Beltrami

FORMAÇÃO

Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Paraná (2006).
Mestre em Métodos Numéricos em Engenharia pela Universidade Federal do Paraná (2009).
Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2011).
Doutora em Métodos Numéricos em Engenharia pela Universidade Federal do Paraná (2016).

ATUAÇÃO

É professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, em regime de dedicação exclusiva, do Instituto Federal do Paraná – Campus Curitiba, nos cursos técnicos em Mecânica, Eletromecânica e Petróleo e Gás



COMO SE DEU A ESCOLHA DA SUA PROFISSÃO? ALGUÉM A INFLUENCIOU NESSA ESCOLHA?

Sempre gostei de matemática e queria fazer algo na área de exatas. Nas conversas que tinha com a minha mãe, ela me incentivava a fazer engenharia, porque com a matemática eu acabaria me tornando apenas professora.

“quando já estava cursando a faculdade, meu pai comentou que eu deveria ter feito arquitetura ao invés de mecânica, pois era uma profissão mais feminina.”

Inicialmente, pensei em fazer engenharia civil, mas como o mercado, na época, não estava muito favorável para essa área, e como muitas multinacionais estavam vindo para Curitiba, acabei optando por engenharia mecânica.

Em uma ocasião, quando já estava cursando a faculdade, meu pai comentou que eu deveria ter feito arquitetura ao invés de mecânica, pois era uma profissão mais feminina.

Durante a faculdade, percebi que gostava mais das disciplinas de cálculo e outras específicas da área de matemática do que as de mecânica. Desta forma, tentei algumas vezes fazer faculdade de matemática, durante a graduação e também após ter me formado, mas as circunstâncias não permitiam. Portanto, meu mestrado e doutorado acabaram sendo nesta área.

Um fato curioso é que uma vez, eu e meu pai estávamos assistindo o jornal que tratava de esporte e era um programa comandado por uma mulher. Ele comentou que achava bacana uma mulher trabalhar junto com tantos homens e ainda ser a responsável pelo programa e equipe. Então, eu disse a ele que eu também vivia a mesma situação como engenheira mecânica e só então ele parou para refletir.

ENQUANTO ESTUDAVA, PENSOU EM DESISTIR POR CONTA DE ALGUMA DIFICULDADE?

Enquanto estudava pensei muitas vezes em desistir do curso, pois o ambiente da faculdade era muito hostil. Os veteranos do curso, logo que entrei na faculdade, apostaram que até o final do primeiro ano eu casaria ou desistiria do curso. Como se eu tivesse entrado no curso para “procurar homens”. Na época fiquei muito chateada, mas deveria ter aproveitado a circunstância e apostado em mim, pois não desisti e tampouco casei durante o curso. Além disso, me formei como segunda melhor aluna da turma e ganhei uma medalha da UFPR por isso.

Durante o curso, tive somente dois professores que implicavam comigo. Um deles, extremamente machista, dizia que mulher tinha que ficar em casa. O outro nunca entendi o porquê me criticava tanto durante as aulas.

Outro momento foi quando aconteceu o trote, eu não estava bem de saúde e acabaram me pegando para o trote que não foi nada agradável. Comecei a chorar e ficaram rindo, dizendo que eu estava chorando porque ia estragar meu cabelo, que ia quebrar minha unha, foi horrível porque eles não sabiam o que estava acontecendo de fato comigo, e por muito tempo fui tachada como fresca.



Fonte: Monica Beltrami (2020)

Enquanto estudava consegui estágio e acabei sendo contratada por uma multinacional. Durante este tempo houve algumas questões pontuais que aconteceram pelo fato de ser mulher, mas nunca por conta da minha competência.

Um exemplo é que um funcionário recusava minhas ordens pelo fato de eu ser mulher, mais jovem e engenheira, já que ele era mais velho e era técnico. Muitas vezes se dirigia ao meu chefe quando na verdade era a mim que deveria se reportar. Até que ele entendeu que deveria trabalhar em conjunto comigo.

Outra coisa que acontecia também, era que como minha mesa ficava ao lado do meu chefe, alguns achavam que eu era secretária dele. Viviam pedindo para eu agendar horário, queriam saber da agenda dele, não conseguiam imaginar que eu poderia ser uma engenheira mecânica.

“um funcionário recusava minhas ordens pelo fato de eu ser mulher, mais jovem e engenheira, já que ele era mais velho e era técnico. Muitas vezes se dirigia ao meu chefe quando na verdade era a mim que deveria se reportar. Até que ele entendeu que deveria trabalhar em conjunto comigo.”

O IFPR sempre foi tudo muito tranquilo por parte dos servidores. Quanto aos alunos, principalmente do integrado, se alguma vez me testaram foi por comportamento adolescente, típico da idade, e nunca por eu ser mulher.

No Campus, percebo que a tendência é que todo tipo de preconceito tende a ficar isolado, pois estão em minoria. Vejo que muitos alunos se sentem confortáveis em conversar comigo pelo fato de ser mulher e talvez por passar esta questão de afetividade.

As meninas que estão no curso de mecânica são ótimas, e não deixam a desejar em nada para os meninos. Há pouca ou quase nenhuma desistência e acontece mais no subsequente por conta da carga horária de trabalho e outras responsabilidades. Mas também os homens do subsequente tratam as mulheres sem distinção.



Fonte: Monica Beltrami (2020)



O QUE VOCÊ DIRIA PARA UMA ALUNA QUE SONHA SEGUIR PROFISSÕES QUE TRAZEM O PRECONCEITO CONTRA AS MULHERES?

Quando as alunas me perguntam o que acho delas fazerem engenharia mecânica, alerto que é um curso muito difícil que tem que estudar bastante, mas sempre aconselho que o façam, pois é um curso bem completo que abre oportunidades em vários campos. Quando me perguntam sobre o curso é em relação a dúvida de qual profissão seguir e escolher, nunca me questionaram em relação ao preconceito.



Professora

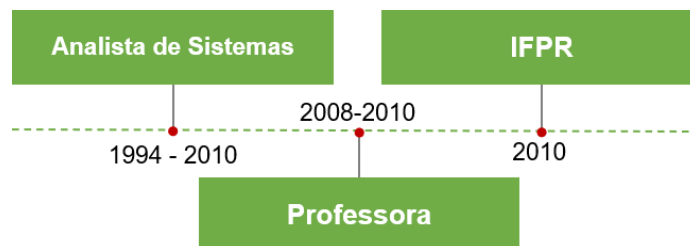
Sheila Cristiana de Freitas

FORMAÇÃO

Bacharelado em Informática pela Universidade Positivo (2001).
Especialização Desenvolvimento Web pela Universidade Positivo (2004).
Especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Castelo Branco (2009).
Especialização em Desenvolvimento de Sistemas Web pelas Faculdades Opet (2010).
Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2012).
Doutoranda em Ciência da Computação pela PUCPR.

ATUAÇÃO

Atualmente é professora EBTT com dedicação exclusiva do Instituto Federal do Paraná. Tem experiência na área de Ciência da Computação em análise e desenvolvimento de Software. Atuando também com temas de Aprendizagem Significativa no ensino.



COMO SE DEU A ESCOLHA DA SUA PROFISSÃO? ALGUÉM A INFLUENCIOU NESSA ESCOLHA?

Aos dezoito anos vim pra Curitiba sozinha e acabei trabalhando numa empresa que vendia softwares e outros produtos de contabilidade. Como eu já tinha experiência na área, fiquei muito interessada e encantada com o fato de cada funcionário ter sua sala, sempre muito concentrados, então fui levada pelo encanto do ambiente porque achava que eles eram gênios.

Resolvi então fazer faculdade na área de Tecnologia da Informação, e com isso, meu chefe já me passou para a área de programação no primeiro ano de faculdade. Então eu tinha o incentivo, a curiosidade e o pensamento de que se eles faziam eu também poderia fazer.



Fonte: Sheila Cristiana de Freitas (2020)

ENQUANTO ESTUDAVA, PENSOU EM DESISTIR POR CONTA DE ALGUMA DIFICULDADE?

Na faculdade, como era um curso muito difícil e sendo a maioria homem eu percebia que quando uma mulher se destacava era porque era muito boa no que estava fazendo.

Quando iniciei o curso éramos em quarenta na turma e ao término estávamos em cinco, sendo eu a única mulher, isto me orgulhava muito. Durante todo este percurso eu nunca senti discriminação até porque sempre soube me colocar diante das situações como profissional provando que eu entendia do trabalho e que era competente no que fazia.



Fonte: Sheila Cristiana de Freitas (2020)



Fonte: Sheila Cristiana de Freitas (2020)

TEVE APOIO DE ALGUÉM?

Quando terminei a faculdade fiz mais duas especializações porque achava que deveria fazer tudo o que queria antes de casar e ter filhos porque depois não dava para fazer mais nada. Mas ao contrário, depois que eu casei e tive minha filha foi quando fiz o mestrado, fui para o IFPR e agora estou no doutorado.

Mas sei que isso só foi possível quando o marido

Para a mulher conseguir vencer precisa de um parceiro, de uma sociedade. O que não dá certo é quando o marido não quer fazer e não deixa a mulher fazer também.

reconhece e sabe do valor do estudo. Para a mulher conseguir vencer precisa de um



Fonte: Sheila Cristiana de Freitas (2020)

parceiro, de uma sociedade. O que não dá certo é

quando o marido não quer fazer e não deixa a mulher fazer também.

VOCÊ JÁ PERCEBEU OU OUVIU FALAR EM ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO NO SEU COTIDIANO EM RELAÇÃO A ATUAÇÃO DA MULHER NA DOCÊNCIA NA SUA ÁREA DE ATUAÇÃO?

No IFPR nunca tive problemas com relação à discriminação por ser mulher e atuar na informática. Sempre fui muito bem recebida e acho que os professores não tem este tipo de preconceito.

Essa cultura toda do machismo não está só nos homens, e acho inclusive que está mais nas mulheres, pois elas muitas vezes criam barreiras de contato com outros homens.

Acredito que meu perfil ajudou também, porque sempre me impus como profissional e não como mulher. Esta cultura de se impor tem que vir da personalidade da mulher de se impor como professora, como profissional.

Com as alunas tem aquelas que não gostam das exatas, mas quando se destacam são fantásticas. A mulher ter a vantagem de além de ser muito responsável, também é muito organizada e focada.

Muitas mulheres se agarram ao estereótipo da fragilidade e se deixam ficar inferiores aos homens. Mas acho que a mulher deve se impor em qualquer profissão e provar que dá conta do recado. Essa cultura toda do machismo não está só nos homens, e acho inclusive que está mais nas mulheres, pois elas muitas vezes criam barreiras de contato com outros homens.



Fonte: Rede social (2021)



Fonte: Rede social (2021)

O QUE FALTA PARA AS MULHERES SEREM VISTAS NO MESMO NÍVEL DE IGUALDADE DOS HOMENS EM RELAÇÃO À CAPACIDADE DE LIDERAR E DE SE PROMOVER PROFISSIONALMENTE?

Professora mulher na área de exatas é vista como exemplo e eu gosto de contar minha história para elas usarem como exemplo e mostrar que elas podem ter sucesso, independente de beleza, de ser mulher. Entendo que é mais difícil, ainda mais

dependendo do contexto social e familiar porque o incentivo ao estudo deve vir desde pequeno.



Fonte: Rede social (2021)

O QUE VOCÊ DIRIA PARA UMA ALUNA QUE SONHA SEGUIR PROFISSÕES QUE TRAZEM O PRECONCEITO CONTRA AS MULHERES?

Quando as meninas chegam no IFPR incentivo mais elas do que os meninos, com o objetivo de motivá-las. Digo a elas que as mulheres fazem sucesso na programação porque se atentam mais aos detalhes, porque são mais organizadas, mais responsáveis ao estudar e por não ter tanto vício em jogos digitais. Percebo a minha importância quando os alunos veem em mim uma referência de afetividade, onde podem ser eles mesmo sem serem julgados.



Fonte: Rede social (2021)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz dos objetivos deste e-book que são valorizar as professoras das áreas de exatas, da terra e engenharias e despertar ainda no Ensino Médio, o interesse das jovens alunas a conhecerem a história de vida das professoras para então fazerem suas escolhas profissionais, é importante considerar alguns destaques das entrevistas:

O fato de as professoras serem minoria nestas áreas não afeta sua participação e destaque no Campus. Apesar de terem relatado algumas situações constrangedoras a respeito de ser mulher, todas souberam se posicionar e mostrar seu valor como profissional, pois passaram pelo crivo do concurso público que iguala todos os candidatos sem distinção de gênero.

As cinco professoras entrevistadas apresentam desenvolvimento profissional contínuo, o que leva a supor que os obstáculos enfrentados não as fizeram estagnar na sua formação e profissionalização.

Todas participam ou participaram de projetos de pesquisa e/ou extensão, já assumiram ou estão em cargos de coordenação de cursos e duas já assumiram cargo de direção em algum setor do IFPR.

Há de se considerar também, a aptidão de todas em estudar e trabalhar na área de atuação, fator determinante para o sucesso em todas as áreas.

Observou-se nos relatos, as sutilezas do machismo presente na vida acadêmica das professoras. Exemplos como assédio moral vindo de professores, piadas sexistas feitas por colegas de trabalho e alunos na sala de aula, desconhecimento dos procedimentos legais para lidar com situações vividas apenas por mulheres como gravidez e filhos. Esses fatores, em algum momento, desestabilizaram as então alunas, que pensaram em desistir da carreira pretendida.

Neste ponto, a família (pais e cônjuges), mostrou-se determinante na ascensão profissional das professoras, quando deram suporte emocional e financeiro durante toda fase acadêmica.

Foi comum em todos os relatos, episódios de discriminação vindas de professores e alunos. Com os colegas de trabalho, os comentários eram sempre por meio de ironias, com cunho sexual, enaltecendo as conquistas das professoras pelo fato de serem mulheres e bonitas.

Já os alunos do ensino médio integrado em algum momento testavam as professoras sobre seus conhecimentos. Porém, os casos mais evidentes de preconceito foram presenciados com os alunos dos cursos subsequentes, talvez por serem frequentados por homens na idade adulta, muitas vezes mais velhos que as próprias professoras. Deste modo, tendiam a confrontar as docentes como forma de testar seus conhecimentos, e talvez por não aceitarem serem comandados por mulheres.

Interessante observar que tanto com os colegas de trabalho quanto com os alunos, as professoras precisavam constantemente se autoafirmar e provar que são competentes tal qual os homens para serem respeitadas como profissionais e só então desconstruir nestes ambientes o machismo oriundo das diferenças históricas, sociais e culturais da divisão sexual do trabalho.

Com estes depoimentos, foi possível observar a naturalização de algumas situações machistas, que somente foram identificadas por algumas no decorrer das entrevistas enquanto relatavam suas experiências e hoje percebem o quanto determinadas situações foram machistas e preconceituosas

Ainda hoje, percebe-se a normalização do machismo quando algumas professoras dizem que muito do que se ouve não deve ser levado em consideração, já que estes comentários muitas vezes não são feitos com o objetivo de ofender e por isso são considerados normais e inofensivos.

Este ambiente hostil vivido por algumas entrevistadas, apesar dos efeitos negativos que tiveram na época, criou nestas mulheres uma autoconfiança que as empoderam de tal forma que não permitem serem desrespeitadas enquanto mulher e profissional.

Estes depoimentos são um retrato da luta diária da mulher contra a negação histórica que permeia a participação feminina nas ciências e ofusca sua importância em vários momentos da pesquisa seja no setor público ou privado.

Esta luta começa a dar resultados positivos a partir do momento que é possível perceber a representatividade que elas possuem no Campus Curitiba e como são admiradas e respeitadas por suas condutas enquanto mulheres e professoras.

Por fim, considerando que o ambiente escolar deve favorecer a inclusão e construção de novos conhecimentos, cabe à escola criar momentos para

compartilhar e discutir os sutis, porém determinantes preconceitos existentes no mundo do trabalho e da sociedade como um todo e fomentar o debate e as práticas inclusivas a fim de orientar e esclarecer a sociedade para adoção de uma conduta que vise à equidade de gêneros no mundo de trabalho que tem cada vez mais absorvido a mão de obra feminina.

6 REFERÊNCIAS

INCERTI, Tânia G. V. **Brincadeiras persistentes, desigualdades de gênero presentes**: relações de gênero na Educação Profissional, uma análise a partir de percepção de estudantes do IFPR – Campus Curitiba. 2017. 191p. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, UTFPR, 2017.

INCERTI. T.G.V.; CASAGRANDE, L.S. Discutindo gênero na educação profissional e tecnológica: conquistas, desafios, tabus e preconceitos. **Cadernos Pagu** [online]. 2021, n. 61 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449202100610017>>. Acesso em 10 Jun. 2021.

INEP. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2018** [recurso eletrônico]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6960488>. Acesso em 03 ago. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ. **História**. Disponível em: <<https://reitoria.ifpr.edu.br/institucional/o-instituto/historia/>>. Acesso em 02 ago. 2020.

LEMOS JUNIOR, W. A história da educação profissional no Brasil e as origens do IFPR. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**, v. 1, p. 1-15, 2016.

LOMBARDI, M. R. Mulheres engenheiras no mercado de trabalho brasileiro: qual seu lugar? **Revista Mulher e Trabalho**. Porto Alegre, v.4, n. especial. p.45-60, 2004. Disponível em: <<https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2700>>. Acesso em: 10 out. 2020.

MARQUES, F. Avanços em direção ao equilíbrio. **Revista Pesquisa Fapesp**. São Paulo: Fapesp, 2020. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br>>. Acesso em: 21 out. 2020.